

**ESTUDO DO CÓDIGO BIBLIOGRÁFICO
DO CONTO "A CHINELA TURCA", DE MACHADO DE ASSIS**

Fabiana da Costa Ferraz Patueli (UFF)
fpatueli@hotmail.com

Esse trabalho se deve a elaboração da dissertação de mestrado “O estudo do código bibliográfico nas edições da segunda metade do século XIX de *Papéis Avulsos*, de Machado de Assis”, defendida em 2010 na Universidade Federal Fluminense e orientado pela Professora Doutora Ceila Maria Ferreira Batista Rodrigues. Os estudos em questão estão vinculados ao projeto de extensão “Edição Crítica de *Papéis Avulsos*, de Machado de Assis”, desenvolvido desde 2006 no Laboratório de Ecdótica – LABEC da UFF.

E considerando o estudo do “código bibliográfico” sob a perspectiva da constituição material de um texto, dentre as suas publicações impressas, pois

[...] os traços tipográficos prolongam a escrita do texto e complementam a intenção do autor, pelo que, em última instância, todo o texto destinado à reprodução tipográfica prescreve a respectiva disposição pelo processo da própria constituição. (BAPTISTA, 2003, p. 136)

Assim, as edições do conto “A Chinela Turca” que fizeram parte do estudo foram as da segunda metade do século XIX, publicadas na revista quinzenal *A Epocha* e em livro (*Papéis Avulsos*), como veremos ao longo do texto.

O conto “A Chinela Turca” foi publicado em 14 de novembro de 1875, no primeiro número da revista quinzenal *A Epocha*. Tal revista teve curta duração, não mais que quatro números, tendo como um dos motivos de seu curto período de circulação, possivelmente, a interpelação à postura do Ministro do Império em “Carta ao Sr. Ministro do Imperio”, na seção “Correspondencia da 'Epocha” (*A Epocha*, 14 nov. 1875, p. 12-13), cuja resposta imediata por parte do gabinete de Ministro do Império, por meio do “confessor-official do gabinete-capellão ordinario do ministro do imperio Sr. Camello”, em 1º de dezembro de 1875, no segundo número da revista *A Epocha*, foi a seguinte:

Pesa-me dizer-lhes Srs./ redactores, que a sua imprensa começou mal, cobrindo/ de ironia o mais elevado representante de uma classe/ infeliz, mas não numerosa, segundo a recente estatística do Sr. Campos de Medeiros, supprimindo-lhe/ os mais nomes que os senhores encontrarão no Almanach. (p. 11).

Nessa revista, Machado de Assis usou o pseudônimo *Manassés* para a publicação de “A Chinela Turca” e “Sainete”. Essa postura, o uso de pseudônimo, foi praticada pelos colaboradores da revista e pela própria proposta do periódico como está descrita na seção em que está disposto o programa da revista (*A Epocha*, 14 nov. 1875, p. 3).

A tipografia responsável pela impressão da revista está fixada ao pé da mancha tipográfica da página, denominada *Typographia* de Brown e Evaristo.³⁸ Todavia, em suas páginas, faz-se referência à Livraria Garnier, quanto à responsabilidade pela venda da revista, o que, possivelmente, ajudou a facilitar a publicação de seus anúncios, que ocupariam um espaço considerável na primeira página do periódico. A escolha de uma tipografia brasileira pode ter sido, concordando com Laurence Hallowell (1985, p. 128-131), uma preferência à economia de Baptiste-Louis Garnier caso tenha ele realmente participado como editor da revista, em busca de melhores preços, deixando de publicar restritamente com a tipografia de seus irmãos na França. Ademais, o vínculo do editor com as personalidades intelectuais da sociedade carioca, incluindo Machado de Assis, que já havia trabalhado em tipografias, como já foi comentado, corroboram a própria intenção materializada, provavelmente pelos responsáveis pela revista e seus colaboradores, de apresentá-la como “[...] uma opinião reflectida/ sobre as diversas questões artisticas, litterarias e/ politicas, que mais interessam ao nosso tempo [...]” (*A Epocha*, 14 nov. 1875, p. 3). Assim, parece que os autores que escreviam em suas páginas ou pelo menos os idealizadores não se distanciariam do seu processo editorial, se não fizeram parte dele.

No periódico, quanto às características de anatomia dos tipos empregados no registro do conto, elas são compartilhadas por parte dos demais registros, com embargo à primeira página em que há a presença de pelo menos três estilos tipográficos empregados no nome da revista, no subtítulo e demais inscrições. Na impressão do conto, na qual nos detemos, utilizaram-se as de letras cujo eixo principal está verticalizado³⁹:

³⁸ As atividades da *Typographia* de Brown e Evaristo podem ser resumidas nos trabalhos relacionados às impressões e às encadernações a terceiros, conforme *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* para o ano de 1875.

³⁹ O eixo verticalizado ou eixo vertical é a orientação da letra impressa, características de estilos tipográficos chamados de racionalistas, segundo a Professora Ana Sofia Mariz, em seu texto “tipografia_01” (p. 9). Disponível em: <http://www.anasofia.net/materialdidatico.html/tipografia_01.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2009.

caixas-altas ou maiúsculas no título, início de frases, topônimos e antropônimos; caixas-baixas ou minúsculas; negrito nos títulos de seções e subseções e itálico nas assinaturas autorais e palavras estrangeiras, por exemplo, “soirée”. No título do conto, usaram-se tipos em caixa-alta e *bold*, com hastes mais finas à esquerda com serifas quadradas e retilíneas, essa última característica também é compartilhada com todos os demais registros linguísticos impressos.

Essa primeira edição da revista *A Epocha*, cujas medidas não devem ser consideradas integrais, devido à deterioração do papel impresso, apresenta 16 páginas de 35 cm x 25,1 cm (margem superior: 2,5 cm, margem inferior: 2,7 cm, margem esquerda: 3,2 cm, margem direita: 2,5 cm), cuja área da mancha tipográfica em todas as páginas está demarcada no interior de uma área modulada por duas linhas simples cuja distância é de 0,5 cm entre si, à semelhança de uma moldura para todas as dezesseis páginas⁴⁰, sendo que a primeira página está visualmente dividida em quatro partes horizontais. A página 2 vem em bloco único e as demais são divididas verticalmente em duas partes, isto é, em duas colunas de texto. Dessa maneira, as manchas tipográficas variam de acordo com as seguintes seções: na primeira página, 29,5 cm x 19,8 cm; na segunda página, 28,3 x 10,1 cm; e da terceira à décima sexta página, 28,3 cm x 19,7 cm (sendo a largura por coluna de 8,8 cm).

O periódico descritivamente apresenta na sua primeira página os seguintes elementos e seus assuntos (ANEXO M): “NUMERO 1 [à esquerda da mancha tipográfica] DOMINGO, 14 DE NOVEMBRO DE 1875 [ao centro da mancha tipográfica] ANNO I [à direita da mancha tipográfica]”. Abaixo, sequencialmente, o título e os subtítulos em corpo menor, centralizados em linhas diferentes: “**A EPOCHA/ REVISTA DE QUINZENA/ Fantasias, Romances, Letras, Theatros, Bellas-artes.**” (os estilos tipográficos utilizados na composição diferem-se entre si), separando essa primeira referência da revista para o leitor se utilizou um traço modulado. Abaixo, inscreveu-se o endereço do escritório da redação: “Escriptotio da Redação — Rua da Quitanda N° 47”. Em duas colunas, delimitadas por linhas simples na parte superior e no meio, e linha ondulada na parte inferior, separando o conteúdo da próxima seção, sendo que essa “Assignatura” (¶Côrte, 12\$000 o anno; 7\$000 o semestre./ 4\$000 o trimestre, e 800 réis o numero avulso./ ¶Para fóra da côrte, mais

⁴⁰ Medidas aferidas através do exemplar de *A Epocha* do Acervo da Fundação Biblioteca Nacional — Brasil, no Rio de Janeiro.

500 réis por trimestre.)/ “Avisos” (¶As pessoas a quem remmetemos este numero,/ se nos quizerem honrar com suas assignaturas,/ são convidadas a fazel-o saber á Redacção.). Abaixo, em sequência, um abaixo do outro, centralizados à mancha tipográfica: os “ANNUNCIOS”/ — / ”Livreria Garnier rua do Ouvidor 65”/“FORMATO IN-FOLIO”. Seguindo o conteúdo em três colunas com quatro obras, respectivamente, separadas entre si por um traço simples retilíneo e curto: “Oeuvres de Rabelais.”, “Les Peintres de la Beauté.”; Cervantes Saavedra.”, “Dante Alighieri.”, “La Sainte Bible.”, “Fables de Lafontaine.”, “Humbert (Aimè)”, “Rousselet.”, “L’Evangile”, “Marény (Paul)”, “Wey”, “Davilliers (Baron Ch.)”, “Les Sanctuaires de Rome”. O rodapé contém a seguinte inscrição: “LIVRARIA GARNIER, Rua do Ouvidor 65.”.

Em suma, os assuntos da segunda página se tratam de uma exposição das seções da revista e seus respectivos autores “Summario:” (centralizado à mancha tipográfica)/ PROGRAMMA”; “A CHINELLA TURCA” (*ManaSés*); “CHRONICA DA QUINZENA” (*Fanfulla*); “ENTRE DOUS CASAMENTOS” (*Pierrot⁴¹*); “LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES” (*D. Raymundo*); “CORREIO DO RIO”; “CENTENARIO DE MIGUELANGELO”; “CARTA DO SR. MINISTRO DO IMPERIO” (*Ninguem*), “CHRONICA FLUMINENSE” (*Giroflé-Giroflá*); “BIBLIOTECA DA EPOCHA:/ O FIM DA CREAÇÃO OU A NATUREZA INTERPRETA PELO SENSO COMUM,/ A. Cadmus. TRES POEMAS, tradução de P. A. Gomes Junior,/ Th. Hook JOCELYN, tradução do Sr. J. C. De Menezes e Souza,/ Eurico. OS LAZARISTAS, drama do Sr. Ennes, Dupin.”; “THEATROS, CONCERTOS” (*Swift*). Finalizando esse bloco de texto um traço ondulada centralizado à mancha tipográfica.

O cabeçalho de 1 cm de altura, nas páginas 2 a 16, separa-se da mancha textual por uma linha simples de 19,7 cm (a mesma extensão do espaço interno a moldura delineada), onde se localizam os seguintes elementos: o título da revista em caixa-alta, ao centro, a data da publicação à direita da mancha tipográfica do ponto de vista do leitor e, à esquerda, o número da página, mas, quando as páginas forem ímpares essas duas últimas indicações foram impressas em posições contrárias. As manchas

41. O pseudônimo existiu na seção “Vida Fluminense”, em *O Combate* (Rio de Janeiro), entre 19 de janeiro a 12 de abril de 1892, dentro desse período Olavo Bilac respondia pela secretaria do periódico. Assim, José Galante de Sousa, em *Machado de Assis e Outros Estudos* (1979, p. 62) atribui o pseudônimo a Olavo Bilac, visto, também, a resposta ao pronunciamento de Raul Pompéia, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, em 7 de março de 1892.

tipográficas que se referem ao cabeçalho e ao rodapé em suas dimensões horizontais e verticais, bem como a separação paragrafada também são classificadas com manchas regulares no impresso, segundo Antônio Houaiss, em *Elementos de Bibliologia* (1967, p. 104-107).

O conto foi distribuído em duas colunas separadas por uma linha simples, por isso, visualmente, esse periódico, se podemos dizer assim, é harmônico, com espaços entre linhas e colunas agradáveis aos olhos dos leitores, pelo menos aos olhos de hoje. Essas colunas demarcam a mancha tipográfica no interior do espaçamento estabelecido por duas linhas simples que estão justapostas à semelhança de uma moldura. Então, os textos, nessa revista, são apresentados ao público em uma espécie de moldura, efeito dado pela utilização do espaço interno de um retângulo formado por duas linhas simples com espaço entre si e em relação à mancha tipográfica.

Outros artifícios foram utilizados de forma a separar o texto, em geral, da revista como, por exemplo: linha modulada; linhas onduladas como divisórias de seções na revista; estrelas postas de maneira a formar um triângulo para separar as ideias no interior das seções. Do ponto de vista estético, os diversos estilos de letras utilizadas na primeira página da revista, a fim de chamar a atenção para os diferentes aspectos, ora para o nome da revista, ora para o subtítulo, “Fantasias, Romances, Letras, Theatros, Bellas-artes.” (A EPOCHA, 1875, p. 1) que apesar de estar em corpo menor visivelmente do que o utilizado para o nome da revista, apresentam, nas letras iniciais das sequências de palavras, características de tipos denominados fantasia, pois possuem as seguintes características, de acordo com Emanuel Araújo: “[...] proposital distorção nas cerifas, na largura e na densidade dos caracteres. [...] (1986, p. 341).

Os assuntos da página 3 à página 16 foram descritos pelo sumário estabelecido na segunda página do periódico: nas páginas 3 a 6, vieram o “PROGRAMMA” e o conto “**A CHINELLA TURCA**”, sequencialmente; nas páginas 7 a 8, a “CHRONICA DA QUINZENA”; nas páginas 8 a 9, “ENTRE DOUS CASAMENTOS”; nas páginas 9 a 10, as LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES”; nas páginas 10 a 11, “CORREIO DO RIO” por D. Raymundo; nas páginas 11 a 12, o “CENTENARIO DE MIGUELANGELO”; nas páginas 12 a 13, “Correspondencia da “Epocha” (Carta ao Sr, Ministro do Império); nas páginas 13 a 15, “Chronica Fluminense”; nas páginas 15 a 16, “BIBLIOTECA DA “EPOCHA”; na página 16, “THEATTROS, CONCERTOS” e ao pé da página há a seguinte inscri-

ção referente à tipografia responsável pela impressão: “Typ. de — BROWN & EVARISTO — Rua do Senado n. 12”.

Na seção “PROGRAMMA”, estão expostos os objetivos a serem alcançados, o interesse em novos colaboradores que deverão ser responsabilizar pelos seus escritos, garantindo aos colaboradores “[...] a mais completa liberdade de pensamento [...]” (A EPOCHA, 1975, p. 3), sucedendo-lhe o conto “A Chinela Turca”, de Machado de Assis, separados por um traço ondulado (com 2,9 cm de comprimento) em negrito, ao centro da mancha tipográfica.

Muito mais do que promessas aos interessados em colaborar com a revista quanto à liberdade de pensamento e o desejo de não ter programa definido para a revista, de acordo com a apresentação de 14 de novembro de 1875, Machado de Assis aguça os leitores e os possíveis futuros colaboradores com o conto “A Chinela Turca” cujo protagonista, o Bacharel Duarte, entretido com uma história que lhe contam, deixou-se levar e se vê em uma circunstância embaraçosa: “Livre do pesadello, Duarte despediu-se do major/ jurando a si proprio nunca mais assistir á leitura de/ melodramas, sejam ou não obras de major. E a/ moralidade do conto.” (A EPOCHA, 14 nov. 1875, p. 6).

Assim, parece ser um tanto provocativo, talvez, para uma revista destinada à expressão ligeira das artes, literatura e política, a publicação de um conto como “A Chinela Turca”, em que o personagem Major Lopo Alves, que participou das campanhas do Rio da Prata e que padecia de achaques literários que nem a vida militar pôde fazê-la regredir, escreveu um texto em que:

[...] Nada havia de/ novo naquellas cento e oitenta paginas, senão a letra/ do autor. O mais eram os lances, os caracteres, as/ *ficelles* e até o estylo dos mais acabados typos do ro-/ mantismo desgrenhado. Lopo Alves cuidava pôr por/ obra uma invenção, quando não fazia mais do que/ alinhar as suas reminiscencias. N’outra ocasião, a/ leitura seria um bom passatempo. (A EPOCHA, 14 nov. 1875, p. 4).

O bacharel Duarte não achava agradável a leitura realizada pelo seu autor Lopo Alves, devido ao seu desejo de participar do baile no qual veria a sua amada Cecília, porém, em outra circunstância, as encharcadas linhas de mistério e aventura poderiam ser bem vindas. Uma história inusitada, do contrário, um convite à inspiração, por isso talvez Machado de Assis em correspondência a Joaquim Nabuco, em 13 de abril de 1883, re-fira-se ao conto “A Chinela Turca” como um escrito que ganhou o seu espaço em meio a outros em um livro sem ter sido elaborado para tal,

pretensão referida aos demais contos, como está escrito no depoimento a seguir:

[...] Oxalá faça o mesmo com o li-/vro que ora lhe envio, *Papeis avulsos*, em/ que ha, nas notas, alguma cousa concernen-/te a um episodio do nosso passa- do: a *Epo-/cha* (2). – Não é propriamente uma reunião/ de escriptos esparsos, porque tudo o que alli/ está (excepto justamente a *Chinella turca*)/ foi escripto com o fim especial de fazer par-/te de um livro. [...] (ASSIS, 1944, p.40, grifo do autor).

Decerto que o conto seria também um mecanismo de motivação à escrita literária, à leitura ficcional “[...] e a/ servir de órgão àquella parte de nossa população que/ se chama em um sentido restricto—a sociedade brasi-/leira.” (EPOCHA, 14 nov. 1875, p. 3), conforme transcrito do programa dessa revista quinzenal.

O conto “A Chinela Turca” é o terceiro a ser apresentado na primeira edição em livro publicado pelos Srs. Lombaerts em 1882, seguindo os contos “O Alienista” e a “Teoria do Medalhão” que foram publicados posteriormente àquela, em periódico. O intervalo de páginas que o conto compreende é de 107 a 125. O seu título vem em caixa-alta e em negrito, com tamanho visualmente maior do que o utilizado no corpo do texto, sucedido por uma linha simples cujas dimensões horizontais demarcam a extensão da mancha textual, padrão de plano editorial estabelecido para todos os demais contos publicados no livro. Salvo o título do conto, em que a primeira página possui 18 linhas, bem como a última página que possui 17 linhas, as demais são compostas de 25 linhas. Na página 113, nona do conto, observamos a indicação em rodapé do início do oitavo caderno.

As variantes autorais dos textos do conto “A Chinela Turca”, visto que tanto a edição em periódico (1875) como a edição em livro (1882) forma publicadas em vida do autor, soam como preciosidades a quem está preparando uma edição crítica, pois são o que a crítica textual chama de variantes do autor. Assim, essas variantes, apesar de não serem contempladas neste trabalho na sua integridade, serão mencionadas em parte para exemplificação das variantes características do amadurecimento do autor no decorrer dos anos, ou por simples preferências, ajustes elaborados devido à mudança de suporte, sendo essa última a que mais nos interessa, já que essas variações observadas, a partir da análise do código bibliográfico, trazem um aspecto singular da representação de um texto em dado veículo de comunicação. As variantes editoriais e tipográficas presentes no processo de transmissão editorial de um texto literário resumem-se às supressões de espaços entre palavras ou nos acréscimos dos

mesmos que provavelmente retratam possíveis ajustes na disposição do texto, a fim de adequá-lo à mancha disponível para impressão e, por isso, ao formato eleito no início do processo editorial.

As seguintes variantes são exemplificativas do reencontro autoral com o texto que foi publicado há quase uma década e por isso fizeram-se necessárias algumas adaptações textuais na edição de 1882, o que não invalida a representação do texto em 1875, haja vista que os discursos se aproximam da sua época, bem como os seus enunciadores, podendo ser modificados assim ao longo do tempo, segundo a forma de sua transmissão, bem como também a partir de alterações realizadas pelo próprio autor ou por terceiros.

Esta exposição será identificada pelas datas de publicação do conto e por períodos dentro de parágrafos definidos, de acordo com a publicação de 1882, a fim de conservar o entendimento ao texto e as variações serão realçadas por negrito, como forma de exemplo do trabalho realizado na Dissertação de Mestrado:

Edição em <i>A Epocha</i> (1875)	Edição em <i>Papéis Avulsos</i> (1882)
p. 3, 1 ^o coluna, l. 22-26: ¶Acabava o bacharel Duarte de compor o mais/ teso, correcto e impertubavel laço de gravata, que ap-/pareceu naquelle anno de 1850, quando o creado lhe/ annunciou a visita do major Lopo Alves. O bacharel/ estremeceu, e tinha duas razões para isso. [...]	p. 107, l. 2-6: ¶Vede o bacharel Duarte. Acaba de compor o mais/ teso e correcto laço de gravata que appareceu na-/quelle anno de 1850, e annunciam-lhe a visita do/ major Lopo Alves. Notai que é de noite, e passa de/ nove horas. Duarte estremeceu e tinha duas razões/ para isso. [...]
p. 3, 1 ^o coluna, l. 42-45: [...] Antigo amigo da fa-/milia, companheiro de seu finado pae nas campanhas/ do Rio da Prata , tinha jus o major a todos os seus/ respeitos. [...]	p. 107, l. 4-6:[...] Velho amigo da familia, companheiro de/ seu finado pae no exercito , tinha jus o major a todos/ os respeitos. [...]
p. 3, 2 ^a coluna, l. 55-62: ¶Duarte recordou-se de que effectivamente o major/ fallava n'outro tempo de alguns discursos inauguraes./ duas ou tres menias e boa somma de artigos que es-/crevera acerca das campanhas relatadas em Tito Livio / ¶Havia porém muitos annos que Lopo Alves dei-/xára em paz os generaes romanos e os defuntos : nada/ fazia suppôr que a molestia volvesse, sobre tudo ca-/racterisada por um drama. [...]	p. 109, l. 13-20: ¶Duarte recordou-se de que effectivamente o major/ fallava n'outro tempo de alguns discursos inauguraes./ duas ou tres menias e boa somma de artigos que/ escrevera ácerca das campanhas do Rio da Prata / Havia porém muitos annos que Lopo Alves deixára/ em paz os generaes platinos e os defuntos; nada fazia/ suppôr que a molestia volvesse, sobre tudo caracteri-/sada por um drama. [...]

Destacamos as seguintes variações autorais quanto às alterações da edição de 1875 para com a edição de 1882 do conto “A Chinela Turca”: “soirée” (p. 3; l. 9, 40) por “baile” (p. 107, l. 9) e por “casa” (p. 108, l. 23); “Antigo amigo” (p. 3, l. 21) por “Velho amigo” (p. 108, l. 4); “Es-

ta ultima” (p. 3, l. 61) por “Esta circunstancia” (p. 109, l. 20); “trabalhinho” (p. 3, l. 71) por “trabalho” (p. 110, l. 14); “creado” (p. 4, l. 5 e 69) por “moleque” (p. 111, l. 5; p. 113, l. 18); “reunio” (p. 6, l. 72) por *colli-giu* (p. 123, l. 12), por exemplo.

Houve as seguintes supressões de parágrafos na edição em livro do conto (1882), salvo o exemplo de supressão já sinalizado, que parece ser consequência da disposição editorial do texto na página:

Página 108, linha 2: [...] ambos a caminho da igreja. Nestas circunstancias, [...]

Página 109, linha 25: [...] tablado. Não entrou o major nestas minuciosidades [...]

Página 118, linha 16: [...] estúpido de todos os sentidos. O inesperado daquella [...]

Haja vista as identificações dos elementos gráficos dos suportes e demais variações que transmitem o conto “A Chinela Turca”, podemos depreender que as modificações textuais veiculadas em diferentes suportes contribuem para a construção de um nova representação textual.

As “NOTAS” tornam-se outro lugar destinado à complementação textual. Na edição de *Papéis Avulsos* (ASSIS, 1882), por exemplo, as notas são exclusivamente autorais. A referência da nota à página encontra-se errada no conto “A Chinela Turca”, indicado página 105 ao invés de página 107.

Ao conto “A Chinela Turca”, destina-se a “NOTA B”, em que se expõe a origem do conto:

Este conto foi publicado, pela primeira vez, na *Epocha*,/ n.1, de 14 de Novembro de 1817. Trazia o pseudonymo de/ Manassés, com que assignei outros artigos daquella folha/ephemera. O redactor principal era um espirito eminente,/ que a politica veiu tomar as lettras: Joaquim Nabuco./ Posso dizel-o sem indiscrção. Eramos poucos e amigos./ O programma era não ter programma, como declarou o/ artigo inicial, ficando a cada redactor plena liberdade de/ opinião, pela qual respondia exclusivamente. O tom (feita a/ natural reserva da parte de um collaborador) era elegante,/ litterario, attico. A folha durou quatro numeros. (ASSIS, 1882, p. 294, grifo do autor).

Na primeira edição em livro, dentre os poucos erros tipográficos indicados pelo editor, fizeram referência à última página do conto para

desconsiderarem “ainda uma vez” por “que muitas vezes”, no seguinte trecho: “¶Duarte acompanhou o major até a porta, respirou/ **ainda uma vez**, apalpou-se, foi até a janella. [...]” (ASSIS, 1882, p. 125, l. 7-8, grifo nosso).

Esse trabalho foi constituído com quase a integralidade da seção “A Chinela Turca” da Dissertação de Mestrado “O Estudo do Código Bibliográfico das Edições da Segunda Metade do Século XIX de *Papéis Avulsos*, de Machado de Assis” (2010).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts & C., 1882.

A Epocha. Rio de Janeiro: [B. L. Garnier], 1975.

BAPTISTA, Abel Barros. *Autobibliografias*. Campinas: Unicamp, 2003.

PATUELI, Fabiana da Costa Ferraz Patueli. *O estudo do código bibliográfico nas edições da segunda metade do século XIX de Papéis Avulsos, de Machado de Assis*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.